

E A TERRA NÃO ESQUECEU

Carlos Omar Villela Gomes

Sob meus pés o silêncio,
Sobe meus pés o destino
De gerações estraviadas
Pelas pateadas do tempo .
Sob meus pés a verdade,
Toda a verdade de um povo
Que procurou sobre a terra
Seus sonhos de liberdade.

A terra chorou baixinho
Dores bem mais que profundas...
A terra guardou lembranças
Que jamais pôde apagar.
Sob meus pés, desatinos
De campos largos e rubros...
Sob meus pés as histórias
Que o homem tenta negar.

E a terra não esqueceu
A dor de um tempo sem Deus.

A terra tem cicatrizes...
Mapas de uma geografia
Que certamente não foi
Traçada por mão de Deus
Foi traçada pelas armas,
Bem empunhadas por feras
Que pelo correr das eras
Ditaram rumos e leis.

E desenharam fronteiras
Num pampa sem alambrados...
E dominaram a terra
Com estâncias e povoados.
Catequizaram o índio
E suas xucras razões...
Com sete cruzes ergueram
Sete povos das missões.

Depois golpearam sem dó,
Reduzindo o sangue em pó
O sonho das reduções.

A terra lembra piquetes
De imponentes coronéis...
Inventando itinerários
Em seus garbosos corcéis.
Tantos galões, tantas glórias,
Tanta paixão e vitórias
Que escreveram a história
Nos mais vistosos papéis.

Pena que a pena que escreve a
história
Seja regida pelas mãos sem pena
Dos que comandam os canhões e
réis.

E a terra não esqueceu
A dor de um tempo sem Deus.

E são patas de cavalos,
E são palas retalhados...
A sina vira ferida
E o puro vira pecado.
A terra bebe do sangue
Mesmo repugnando o gosto...
As feras matam a sede
E a vida perde seu posto

Já não palpita de pureza a terra
santa
De tanto o homem macular seu
relicário;
São tantas almas extraviadas do
inventário
De tantas guerras e barbáries pelo
pampa.

Quando a razão já não floresce da
garganta
E então desperta o furor do coração,
É rio de lava que incandesce pelas
veias
E faz da morte sua maior erupção.

A terra engasga, soluça...
Cada golpe, cada corte
É uma semente sem vida
Que se planta, num ritual.
Idéias, brasões, motivos,
Todos tem, todos sustentam...
Um a um, todos inventam
Mil razões pra o próprio mal.

A terra chora de dor...
De todo o sangue jorrado
Na história do nosso Estado
A terra sabe o sabor.

Os talhos recebidos pela terra
Remendam, mas jamais se
apagarão...
Em cada cicatriz há uma lembrança
Do homem massacrando seus
irmãos.

A terra não esqueceu
A dor de um tempo sem Deus.

Sob meus pés, desalentas
E as formas de uma inscrição
Que conta a história do chão
No triste idioma dos ventos.

Mas o que surge das cinzas
Quando as tristezas se vão
E aviva a alma de um povo
Que ainda sonha demais?
O que resurge luzindo
Do fundo da escuridão
Trazendo lições de vida
De seus turvos memórias?

É a própria terra senhores!
É a terra, que se refaz,
Clamando em suas cicatrizes.
Que a história não se eternize
A sete palmos da paz!